

Progressos no ensino

Educação
Os problemas do ensino fundamental brasileiro são muitos e complexos. Dentre os mais críticos estão a repetência e a evasão escolar. É essencial que as crianças na faixa de 11 a 13 anos possam, de fato, desenvolver suas faculdades intelectivas e preparar-se para o grande choque intelectual e emocional que é a passagem para a 5.^a série, que antigamente era a 1.^a do ginásio. Em novembro de 1997, a secretária de Educação do Estado de São Paulo criticava o sistema tradicional vigente em todo o País, que reprova os alunos com mau desempenho, sem que os professores possam levar em conta a fragilidade do sistema de ensino e a situação particular do aluno.

Uma visão do sistema como um todo está permitindo êxitos na Educação em São Paulo

Para a secretária, de nada adiantava atacar um problema isoladamente, fosse ele o aumento do salário dos professores, seu treinamento ou a mudança do material didático à sua disposição. Em 1996, o índice de reprovação no ensino fundamental tinha sido de 8,93% – número que, embora alto, permitia esperanças, quando comparado com os índices de 95 (11,94%) e 94 (13,86%).

Hoje, os esforços que foram desenvolvidos pela Secretaria da Educação demonstram que a busca de uma solução envolvendo o sistema como um todo e não apenas um de seus elementos produz muito mais resultados: o índice de reprovação no ensino fundamental caiu para 3,7%, em 1997. Redução semelhante pode ser observada nos índices de evasão escolar: de 5,94%, em 1994, chegou-se a 2,6%, em 1997.

A queda nos índices de reprovação deveu-se à implantação de alguns programas e a uma mudança de filosofia: na prática, instituiu-se, em São Paulo, o sistema de promoção automática. O aluno que tenha tido mau desempenho durante o ano tem a oportunidade de demonstrar, nas classes de recuperação – tornadas obrigatórias a partir de dezembro de 1997 –, que atingiu o nível mínimo para passar de ano. A fórmula é inovado-

ra. Mas a idéia de que se deve dar ao Estado a possibilidade de não desperdiçar recursos com alunos repetentes – que, em 1997, somaram R\$ 855 milhões – vem sendo discutida há anos nos meios educacionais. A diminuição dos índices de reprovação partiu também de uma constatação simples: o aluno reprovado, além do trauma ocasionado pela repetência, em geral se envergonha por ser mais velho do que o resto de sua classe. Uma das providências tomadas para evitar mais esse trauma foi criar as cha-

madas Classes de Aceleração, que reúnem apenas alunos da mesma faixa etária. Nessas classes, além das aulas, os alunos têm a oportunidade de discutir, sem constrangi-

mento, as razões pelas quais não foram bem no ano.

As experiências que estão sendo feitas em São Paulo poderão converter-se em soluções para o Brasil. É claro que, para isso, a diminuição dos índices de repetência não pode estar vinculada simplesmente ao mecanismo da promoção automática. Esse mecanismo é um paliativo. Num primeiro estágio, o que importa é que o aluno de fato recupere aquilo que não pôde aprender nas classes normais. Mas, a médio e longo prazo, o objetivo tem de ser elevar o padrão de ensino e aperfeiçoar os recursos pedagógicos, para que cada vez menos alunos necessitem da recuperação.

No que se refere aos índices de evasão, que experimentaram sensível redução de 1994 para cá, seria preciso realizar pesquisa aprofundada para verificar se as condições pedagógicas e sociais que sempre foram apontadas como responsáveis pela evasão escolar estão mudando. Do ponto de vista pedagógico, o problema começou a ser equacionado com as Classes de Recuperação e de Aceleração. Do ponto de vista das mudanças sociais que possam ter contribuído para a redução de mais de 50%, em apenas quatro anos, no índice de evasão, ainda é cedo para respostas conclusivas.